

Data: 2013/11/04 DIARIO ECONOMICO - QUEM É QUEM

Título: Empregabilidade já influencia escolha do curso - Entrevista a Carlos Matias Ramos

Tema: Ordem dos Engenheiros

Periodicidade: Sem periodicidade

Âmbito: Nacional

Temática: Gestão/Economia/Negócios

Imagem: 1/3

Pág.: 1

GRP: 3.1 %

Inv.: 10916.67 €

Tiragem: 18091

Área: 92681 mm2



Empregabilidade
já influencia
escolha
do curso
PÁGINA 12/13

Empregabilidade influencia escolha do curso

Os alunos estão cada vez mais atentos aos números da empregabilidade e já escolhem o futuro com base neles.

JOANA MOURA

joana.moura@economico.pt

Num ano em que nove em cada dez candidatos às universidades e institutos politécnicos conseguiu entrar na 1ª fase do concurso de acesso ao ensino superior – dos quais 60% no curso que queriam –, é cada vez mais evidente que os alunos começam a olhar para a empregabilidade na hora de escolher o curso. Reflexo disso são os resultados das candidaturas, segundo os quais, só na primeira fase, sobraram 14 mil vagas e apenas três mil alunos não conseguiram um lugar no ensino superior. Feitas as contas, 66 cursos superiores não tiveram mesmo nenhum colocado. E as instituições em áreas do país mais periféricas ou

Engenharia Civil é o caso mais preocupante de falta de procura por parte dos alunos porque pode ter implicações no futuro do país.

do interior foram as mais afectadas, o que parece indicar que estas instituições em regiões com maiores dificuldades económicas são também as que menos conseguem emprego aos seus diplomados.

E é cada vez mais evidente a desistência por parte dos candidatos ao ensino superior de cursos, nomeadamente de ciências sociais e ligados à área do ensino, que são dos maiores responsáveis pelo número de inscritos nos centros de emprego.

Ainda assim, é verdade que existem muitos cursos que se sabe terem elevado desemprego e que continuam a preencher todas as suas vagas. Prova disso são os 200 alunos que, na 1ª fase do concurso nacional deste ano, entraram nos cursos com maior taxa de desemprego. É o caso de Economia, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Design, na Universidade de Aveiro, Ciências da Comunicação, também em Trás-os-Montes e Alto Douro, Engenharia Química, no Politécnico de Porto.

Apesar da baixa empregabilidade, todos superaram o número mínimo de vinte colocações, aquelas que o ministério impõem para que os cursos superiores possa funcionar. Ainda que cada vez mais informados, acontece ainda que alguns cursos, nomeadamente nas áreas das engenharias (Electrotécnica, Ambiente, Renováveis e até Civil) não tenham registado qualquer colocação, apesar de alguns destes terem ainda boas taxas de empregabilidade.

Engenharia civil é o caso que mais preocupa

Desde logo, uma evidência que salta à vista: a desistência de Engenharia Civil, com a construção a viver dias difíceis e muitas empresas a fechar, os engenheiros estão a engrossar as filas dos desempregados ou dos que são forçados a emigrar e os candidatos já se aperceberam disso. Nas universidades de todo o país sobram vagas neste curso e até no Instituto Superior Técnico, das 89 vagas posta à disposição na 2ª fase do concurso de acesso ao ensino superior, 53 ficaram por ocupar.

Uma realidade que está a preocupar professores e entidades públicas, que, como é o caso de Marçal Grilo, avisam: “A engenharia civil não é só fazer casas, é um curso de banda larga. Tem um espectro aberto, toca em diversas matérias, serve para formar técnicos altamente qualificados. E o que vai acontecer, daqui por uns anos, é que a certa altura vamos voltar a precisar daquilo que andamos agora a desprezar.”

Ou seja, o facto de o país estar mergulhado numa crise económica, que levou a que haja excesso de engenheiros civis para a procura do mercado, e que empurrou muitos para os países em desenvolvimento, não deve ser encarado como uma barreira para os alunos que entram agora no ensino superior, uma vez que, daqui a cinco anos, quando estes alunos se licenciarem e, supostamente, o país estiver a iniciar o seu crescimento económico, irá precisar destes técnicos qualificados, o que significa que esta será uma profissão valorizada no futuro. ■





**3 PERGUNTAS A
CARLOS MATIAS RAMOS**
BASTONÁRIO ORDEM
DOS ENGENHEIROS



“Está a comprometer-se o futuro do país”

O Bastonário da Ordem dos Engenheiros diz que a menor procura dos alunos pelo curso de Engenharia Civil é um panorama preocupante. Lembra que este é um curso que não serve só para a construção e deixa o aviso: daqui a cinco anos, vai ser uma profissão super valorizada, quando o país der a volta. Porque ao crescimento está sempre associada a engenharia. Acrescenta que estamos a comprometer o futuro do país.

Os resultados do acesso ao ensino superior deste ano mostram que os alunos estão a desistir de ir para o curso de Engenharia Civil. Como vê esta situação?

É um panorama preocupante. E acho que há muita falta de informação. Porque, se analisarmos Arquitectura podemos pensar que tem empregabilidade, mas é um erro crasso, já que num futuro próximo Arquitectura vai estar cheia. E estas ideias distorcem a realidade.

Mas a realidade é que, com o país em crise, há menos emprego para os engenheiros civis e muitos tiveram, inclusive, de emigrar.

A situação não é boa para os engenheiros civis, de facto, mas não conheço assim tantos casos de desemprego. Além disso, hoje em dia qual é o curso que tem uma empregabilidade elevada? Estamos a viver a situação oposta da que devia ser, numa altura de crise, em que devíamos era preparar o futuro. E estamos a comprometer o futuro do país, ao descapitalizar, em vez de contribuímos para sair desta economia desastrosa.

Quando o país voltar a crescer economicamente poderá haver falta de engenheiros?

Quem tem um curso de engenharia civil tem uma defesa que outros cursos não lhe dão e pode trabalhar em muitas outras áreas. E, com esta falta de alunos, daqui a uns anos, esta vai ser uma profissão super valorizada, quando o país der a volta. Porque, ao crescimento está sempre associada a engenharia, é fácil perceber isso através da nossa História. ■ J.M.